

**De:** Jeferson dos Santos

**Para:** PET - Educação

Escutei de maneira recorrente durante a minha vida, sobretudo durante o ensino médio, que a universidade seria um mundo novo para mim, e hoje depois de formado acredito mesmo que a universidade é um mundo, e vou além dizendo que é um mundo onde a vida é uma possibilidade, a morte é uma oferta quase diária e existir exige conquista.

Existir exige conquista, porque sem uma boa avaliação no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM a existência na universidade ela é negada, e quando conquistada a tão sonhada vaga no curso pleiteado, que te possibilita existir neste mundo, isso não é garantia de que você automaticamente viverá a universidade pois a morte ela também é possibilidade na universidade, a morte entra aqui como uma analogia a desistência de estar e ser na universidade.

Além da conquista a universidade exige adaptação, aprendi sendo um jovem negro e pobre que vem de uma família onde o maior grau educacional que alguém já teve foi o ensino médio que para pessoas como eu este processo de adaptação será mais árduo e difícil do que para outros discentes, pois alunos que já possuem a tradição universitária em suas famílias tendem a passar por esse processo mais rápido do que alunos que não possuem essa tradição.

Quando se é um jovem que recém saiu do ensino médio e vai cursar uma faculdade fora do estado onde sua família reside, o primeiro e mais urgente aspecto de adaptação é a moradia, para estudantes em estado de vulnerabilidade socioeconômica, como eu era, isso vai além de adaptação e toca no aspecto permanência, uma vez que a não moradia culmina na desistência, a procura por ajuda foi fundamental para que eu não desistisse e conseguisse superar a adaptação.

A procura por ajuda foi fundamental porque políticas de ações afirmativas contribuíram para que eu, enquanto um jovem que se encontrava em situação de vulnerabilidade adentrasse nesse espaço entretanto as políticas de ações afirmativas conseguiriam me auxiliar somente no aspecto de entrada a universidade não dando conta da permanência, a procura por políticas de permanência foi a primeira coisa que fiz no processo de busca por ajuda. Foi na jornada de procura por políticas de permanência que

me deparei com o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) que me garantiu direitos básicos, como moradia e alimentação, através da Casa do Estudante Universitário – CEU, auxílio permanência e auxílio alimentação foi através desse programa que a Universidade Federal de Mato Grosso se tornou literalmente meu lar.

Vale salientar que foi somente pós um longo tempo na universidade e de um adoecimento mental que quase me levou ao colapso me deparei com a possibilidade de ajuda não só na esfera material, algumas universidades possuem centros e serviços de atendimento a comunidade acadêmica por estudantes de psicologia gratuitamente, a UFMT possuía esses serviços de atendimento e contava com profissionais da psicologia que puderam me atender e assim oferecer esta ajuda também de maneira mental.

A existência na universidade ela toca não só no aspecto de permanência, ela vai além. Ainda nos meus primeiros dias de aula em duas disciplinas distintas os professores diziam coisas importantes para a compreensão de que existir na universidade vai além da permanência, um professor durante sua disciplina repetia várias vezes para a minha turma, VIVAM A UNIVERSIDADE! Na outra disciplina a professora dizia sobre a necessidade de EXISTIRMOS de FAZER SABER QUEM SOMOS na universidade, e essas falas me deixaram intrigado na época pois pensei, é possível ocupar o espaço da universidade sem viver e existir? Hoje consigo compreender que ambos falavam de diferentes perspectivas sobre a necessidade e importância de explorar e aproveitar o ambiente universitário nos seus mais diferentes aspectos e de ir para além da sala de aula.

Para jovens como eu aspectos financeiros impactam a trajetória na universidade, a pressão por se formar rápido para entrar no mercado de trabalho foi algo que me assolou e mesmo com a existência de programas como PNAES, inúmeros amigos que assim como eu eram pobres se viram obrigados a trabalhar durante o período da faculdade e esses aspectos influenciam muito o processo de explorar e aproveitar a universidade, pois com a rotina do trabalho sendo somada aos estudos por vezes leva a vivenciar a universidade com sendo sala de aula, compreendi durante minha graduação que uma formação plena ela exige que você vá além da sala de aula.

É somente fora da sala de aula que alguns aspectos, importantes para a formação, se fizeram presentes para mim, os coletivos e os movimentos são os primeiros exemplos disso, já que foi frequentando esses espaços que pude debater e ampliar o que era apresentado em sala de aula e além de ampliar o conhecimento da sala de aula permitiram

ampliar e reconhecer aspectos sobre mim mesmo, foi no contato com ações e pessoas do coletivo negro universitário da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, que me compreendi enquanto negro, foi participando do Movimento de Casas do Estudante e com o Diretório Central do Estudantes que compreendi a importância da política não só para a esfera universitária como para esfera cotidiana. Vivenciar a universidade para além da sala de aula permitiu que eu entrasse num caminho de autodescoberta, durante a graduação estive num constante processo de formação enquanto profissional, pedagogo e estar com esses grupos me possibilitou ir além e estar um processo de autoconhecimento que hoje reconheço ser fundamental para minha identidade profissional.

Para além dos coletivos, pesquisa e extensão foram aspectos importantíssimos durante esse processo de viver e existir além da sala de aula, tive o privilégio de durante a graduação participar do Programa de Educação Tutorial – PET que foi fundamental para que eu vivenciasse aspectos de pesquisa e extensão, uma vez que a tríade fundamental para este programa é o ensino, a pesquisa e a extensão. O PET me deu suporte durante todo o processo, mas ressalto que participar desse grupo não foi garantia de aproveitar esses aspectos de maneira plena.

A academia ela é muito produtivista e competitiva, esses dois aspectos acabaram me atingindo de diferentes maneiras e em algum grau e nenhum grupo me alertou para a importância de vivenciar esses aspectos pelo prazer, é necessário ser um discente que está envolvido em algum grau no processo de fomento da extensão e da pesquisa mas sobretudo é necessário ser o indivíduo que aproveita esses aspectos sem ser organizador. Muitos dos serviços da universidade a comunidade, seja acadêmica ou não acadêmica, estavam majoritariamente baseados nos projetos de extensão então pude aproveitar aspectos que agregaram muito no aspecto pessoal me lembro de fazer aula de dança, natação, malhação e até pintura em tela através de projetos de extensão durante minha graduação explorando e ampliando aspectos físicos e mentais.

A Pesquisa foi de suma importância para identificação da área de afinidade dentro do meu curso para além disso me permitiu compreender algo que estava previsto no Projeto Pedagógico do Curso - PPC da licenciatura que cursava que é o ser professor pesquisador, foi participando de grupos de pesquisa que isso ocorreu, a possibilidade de experimentar na pesquisa ela foi um aspecto importante, pois pude vivenciar os grupos de pesquisa e estive aberto a sair de alguns e ir a outros conforme grau de identificação, esse processo de ir e vir nos grupos de pesquisa foi fundamental entretanto ele não foi

fácil, pois os grupos de pesquisa estavam majoritariamente ao Programa de Pós Graduação em Educação e consequentemente tinham maior abertura para o público que frequentava a pós graduação, tive o privilegio de logo que entrei ser convidado a entrar num grupo por uma professora que me dava aula, ela levou a turma toda para conhecer a sala do grupo de pesquisa e falou um pouco sobre o que era um grupo de pesquisa além de convidar a conhecer o dela, ela foi a única a se propor a convidar minha turma para participar me recordo que nenhum outro professor fez isso até metade do meu curso.

Participar da pesquisa foi a primeira porta de entrada para a participação em evento acadêmicos, posteriormente a extensão e os coletivos e grupos também me possibilitaram participar de eventos, a participação foi importante porque foi através dos eventos que eu pude socializar o que eu produzia e debatia, me possibilitando construir uma rede de socialização e vinculo com outros profissionais e estudantes que são importantes para mim ainda hoje pós formado, além de possibilitar que conheça outros estados, eu fui em mais de 6 estados diferentes através dos eventos o que me possibilitou aumentar meu repertorio de cultura, musica e comida do Brasil.

Pude identificar durante a graduação com os eventos que sou uma pessoa que gosta muito de viajar e se desafiar e acabei resgatando um sonho antigo que era de conhecer outro país, conhecer outro país implica dominar outro língua e nesse processo de sonho me deparei novamente com a extensão que me possibilitou estudar um outro idioma através do Instituto de Linguagem isso somado as palestras oferecidas pela Secretaria de Relações Internacionais – SECRI me fez acreditar na possibilidade de tornar um sonho de adolescência real na universidade e foi em 2018 através de um programa ofertado pela SECRI que consegui após um processo seletivo, uma vaga para estudar em Cuba, realizar a mobilidade acadêmica internacional e estudar fora do país ampliou muito mais minha rede de contatos além da ampliação do repertorio linguístico e cultural, mas agora a nível global.

Além de ampliar meu repertorio linguístico e cultural a mobilidade foi fundamental para a construção da minha identidade enquanto ativista pois durante a minha graduação estive envolvido enquanto ativista com o Movimento de Casas de Estudantes – MCE e isso porque tocava em algo latente a mim que era minha moradia mas a experiencia de ir a outro país me fez perceber a importância de participar e ser mais ativo no meu próprio curso foi então que quando voltei da mobilidade me propus a estar no Centro Acadêmico de Pedagogia, a representar os discentes no colegiado e

congregação de curso, espaços que me ajudaram a compreender o funcionamento da UFMT na esfera administrativa, além de perceber como eram os aspectos políticos na minha profissão e no meu curso.

Conciliar espaços extra sala de aula com a própria sala de aula exigiu muito, porque a universidade ela exige sempre mais de você, mais tempo e qualidade naquilo que você se propõe a fazer isso somado ao competitivíssimo e o produtivíssimo levaram inúmeros amigos a uma rotina de estudos e compromissos exaustivos, compreendi logo no começo com ajuda de outros amigos mais experientes que a universidade ela é um espaço para também socialização, os discentes ofertam isso de diferentes formas para diferentes públicos, frequentar festas universitárias com meus amigos me trouxeram memórias que guardo com carinho ainda hoje e que na época foram fundamentais para minha saúde mental. Eu tinha o imaginário, quando adolescente, que a universidade era baseada a festas, álcool e drogas, filmes americanos ajudaram a construir esse imaginário, e como foi apontado a universidade esta longe de ser essa balburdia generalizada, mas é preciso ressaltar e validar os espaços de entretenimento e diversão para os estudantes e pelo estudantes.

Não só a universidade mas o próprio ensino médio me fizeram temer o erro, a possibilidade de errar não era aceita e ela na minha mente uma ocupava o lugar de devastação, algo que mudou pois vivenciando o mundo que é a universidade eu vivenciei inúmeros erros e a universidade me fez enxergar a possibilidade do erro, buscar não errar entretanto estar aberto a ele porque é possível também aprender com ele. A universidade é um espaço cruel e encontrei pessoas e processos igualmente cruéis durante essa jornada, entretanto tentei de diferentes formas aproveitar o melhor que ela poderia me oferecer.

Cuiabá – MT, 12 de maio de 2022